# Opinião N24

## EXPRESSÕES DO MOVIMENTO NEGRO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE - O EECUN VEIO PRA FICAR

*Luciano Cerqueira*[1]

Aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de maio na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Campus Fundão- Ilha do Governador), o Encontro Nacional de Estudantes e Coletivos Universitários Negros (EECUN). Promovido por um grupo de coletivos negros de todo Brasil2, o encontro contou com mostra de vídeos, palestras e apresentação de trabalhosm, quase todos voltados para o tema da permanência da juventude negra nas universidades.

O encontro deve ser festejado não só pelo seu ineditismo, mas também pela forma como ele ocorreu. Desde sua concepção com a realização de dois Pré-EECUNs (Minas e São Paulo), a organização procurou ser autossuficiente e não contar com o apoio governamental ou de qualquer natureza partidária para sua realização. Essa decisão ajudou para que as falas dos participantes (e da organização) não tivessem compromisso com nenhum seguimento. Essa medida ajuda a prática de isenção e imparcialidade (muitas vezes reduzidos a conceitos vagos) e a construção de um ambiente onde a divergência de ideais - onde aceitamos e valorizamos o outro e a diferença – trabalha para construção de uma verdadeira cidadania.

As orientações que constam na carta de princípios do EECUN são as seguintes:

---

[1] Pesquisador do Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior (GEA/ES) da Flacso Brasil e Doutorando do Programa de Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da UERJ.

[2] Fazem parte do grupo organizador do EECUN - Coletivo Negro Iolanda de Oliveira-UFF; Coletivo Negro Carolina de Jesus-UFRJ; Coletivo Negro Azoilda Loreto Da Trindade-CEFET-RJ; Frente Negra-UFPR; Bloco das Pretas- BH MG; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros- NEAB Viçosa; Coletivo Preto Dandaras da Baixada – UFRRJ IM; Coletivo CORPOS NEGROS – UFG [Goiânia- Goiás]; Coletivo Negro Kimpa – UNESP Bauru; Coletivo Juventude Educafro – SP; Coletivo Negrex; Coletivo Negrada- UFES; Coletivo Nuvem Negra-PUC-RJ; Coletivo Alma Preta e Coletivo Nacional de Juventude pela Igualdade Racial – Conajir.

1. Afrocentricidade como método político;
2. Suprapartidário;
3. Autonomia financeira;
4. Contra todas as formas de opressões.[3]

Das orientações acima, acho que vale uma rápida explicação sobre afrocentrismo ou afrocentricidade, conceito pouco conhecido (dentro e fora das universidades), mas que ganha cada dia mais força entre os integrantes dos movimentos negros.

A afrocentricidade é uma ideologia dedicada ao estudo da história africana. Uma das suas principais finalidades é promover o orgulho étnico entre os afro-americanos como uma arma de efeito psicológico contra o racismo global em que vivemos.

Inicialmente integrada por norte-americanos afro-descendentes da região do Caribe (ela agora conta com um número grande de adeptos também nos Estados Unidos), tem como um de seus principais pontos a ideia de que os afro-americanos deveriam retornar ao continente de origem de seus antepassados para viver livres da influência da cultura ocidental. Outro ponto importante desta ideologia é a afirmação de que a filosofia grega; a biblioteca de Alexandria; a astronomia, entre outras ciências, foram levadas da África para Europa. Mais precisamente, foram roubadas do Egito, país africano com população predominantemente negra[4]. Levando-se em consideração a afirmação de cientistas de que a humanidade nasceu no continente africano, isso faz muito sentido.

O EECUN teve muito pontos a serem louvados e entrou para história do movimento negro estudantil. Entre os pontos positivos, destaco primeiro uma presença expressiva da juventude negra homossexual e trans. Pessoas se vestindo como bem entendiam, trocando

[3] Para ler na integra a CARTA DE PRINCÍPIOS do EECUN, acesse: http://eecun.com.br/carta-de-principios/

[4] Para maiores informações sobre afrocentricidade pesquisar as obras de George G. M. James; Leonard Jeffries; Molefi Kete Asante; Martin Bernal e etc.

carinhos sem ser alvo de olhares preconceituosos, falando o que bem entendiam, como bem entendiam. Sendo eles e elas mesmas e sendo muito felizes.

O segundo ponto vem da qualidade dos e das palestrantes que aceitaram o convite. Tivemos Roberto Leher (Reitor da UFRJ e isso mostra a importância que a universidade deu ao encontro); Thiago Tobias; Liv Sovik; Valter Silvério; Hamilton Borges, Hélio dos Santos; Ivanir dos Santos; Renato Nogueira; Ézio Rosa; Gilza Marques; Frei David entre tantas outras pessoas. Importante ressaltar que houve uma saudável mistura entre gerações consagradas e novas vozes do movimento negro, que estão na luta por uma sociedade, o que passa necessariamente também por uma universidade, mais justa. Essa mistura serve para dar ânimo aos que estão na luta já algum tempo e traz a voz da experiência para os mais novos ouvirem.

O terceiro ponto a ser destacado é que, embora o EECUN tivesse como foco principal a população negra e a universidade, foi possível também (pois é sempre necessário) discutir outros assuntos muito duros pra nós: o extermínio da juventude negra; a discriminação contra as religiões de matizes africanas; a diáspora africana; o desrespeito à lei 10.639/03; a sub-representação da população negra nos partidos políticos; a baixa (quase nula) utilização de intelectuais negros na universidade; titulação de terras quilombolas e etc. Todos estes temas merecem encontros específicos para serem tratados, mas jamais deixarão de ser lembrados em encontros que falam da situação da população negra.

Tivemos ainda como positivo o fato do evento ter sido realizado no espaço de ciências da saúde da UFRJ. A faculdade de medicina ainda é uma das mais “brancas” do Brasil, e alguns professores da área já se posicionaram em redes sociais, jornais e revistas contra a lei 12.711/12. Mas não é só isso, a UFRJ foi uma das últimas universidades federais a adotar a lei de cotas, e durante muito tempo teve professores(as) renomados defendendo a ideia de que as ações afirmativas nas universidades iriam dividir o Brasil devido ao acirramento que elas causariam. Até agora a história tem mostrado que estavam enganados. Realizar um evento com mais de 1000 estudantes negros e negras por três dias seguidos, com uma estrutura

(autogestionada, diga-se de passagem) que não ficou devendo nada a outros eventos do gênero (com diversos tipos de financiamento) é para comemorar mesmo.

Considero o EECUN um sucesso, mas duas situações me chamaram atenção e quero aproveitar para tratá-las aqui. Uma como sugestão para os próximos encontros, a outra como sugestão para todas as pessoas que querem (e lutam) por algum tipo de mudança na sociedade brasileira.

A sugestão que dou é que no próximo EECUN, a organização convide a rede de estudantes do ensino médio para o encontro. Nos últimos três anos estive na organização de dez Fóruns de Ações Afirmativas[5], projeto realizado pelo Grupo Estratégico de Análise de Educação Superior, GEA/ES (parceria da Flacso Brasil com a Fundação Ford), e nestes fóruns ouvi muitos elogios às ações que visam à entrada e permanência dos jovens negros, jovens das classes D e E, indígenas e etc. nas universidades, mas também ouvimos muitas críticas e problemas. Um dos problemas apontados é a distância que separa as universidades do ensino médio. Por isso, acho que o aumento do número de jovens negros na universidade se dará com maior velocidade quando formos às escolas do ensino médio mostrar aos jovens os direitos que eles possuem, direitos que lhe asseguram disputar uma vaga na universidade pública e gratuita.

Precisamos mostrar para a juventude negra que está no ensino médio que o caminho não termina ali e que a universidade é sim o lugar deles e delas também. Junto a isso, não podemos deixar para falar da luta da população negra (luta que vem desde que o primeiro rei africano foi capturado e posto em um navio) apenas quando estes jovens chegarem à

[5] Nos fóruns de ações afirmativas participam gestores públicos, lideranças sociais e estudantis, representantes da rede pública de ensino médio e pesquisadores do tema. A agenda propõe a apresentação de informações sobre as políticas de ações afirmativas, relato de experiências, debates para identificar possibilidades e desafios para as políticas de democratização da educação superior. Para saber mais sobre o GEA e sobre os Fóruns de Ações Afirmativas, acesse: http://flacso.org.br/?project=grupo-estrategico-de-analise-da-educacao-superior-gea

universidade. Pois, sabemos que a maioria das escolas e professores(as) do ensino médio (apesar da Lei 10.639/03) não dão o devido valor à história e à diáspora africana. Ouço há muito tempo a população negra dizer que não se sente (ou sentia) à vontade na universidade, de parecerem estar em um lugar em que não eram bem quistos. Ainda é assim, sabemos. Mas o quanto antes colocarmos o jovem negro em contato com a universidade, mais chances teremos dele não se sentir um estranho em um lugar que também é seu.

Muitos jovens negros não possuem o exemplo em casa para se espelhar (vivem em milhares de lares chefiados por pessoas negras que não tiveram a oportunidade de estudar) e por isso precisam de um incentivo para prosseguir com seus estudos e sonhar com um futuro melhor. Além destes, existem aqueles jovens que mesmo tendo exemplos na família não conhecem os caminhos da entrada na universidade. O EECUN pode ajudar na construção dessa ponte. Uma verdadeira ponte para o futuro!

A segunda questão pode parecer contraditória no atual contexto em que vivemos, mas sua discussão é necessária. Durante todo o evento houve um discurso contra a política e devo dizer que esse discurso me preocupa.

Em um momento como este é fácil criticarmos a política e políticos no Brasil, e devemos fazer isso mesmo. Quero deixar claro que não acho que as pessoas que fizeram um discurso de negação da política no EECUN como meio de se alcançar resultados tenham feito um discurso oportunista. Percebi no discurso de palestrantes e do público presente sinceridade e conhecimento do que se falava, mas nem por isso concordo com o que ouvi. Apesar de toda desilusão, não podemos fazer o discurso da negação da política.

Não podemos simplesmente agir como fazem parte da sociedade e da imprensa que demonizam partidos e as instituições. Esse discurso tem respaldo (em parte), porque em nossas escolas não valorizamos o estudo de matérias fundamentais para entendermos política. Pergunto cadê a sociologia, filosofia, história, política no currículo escolar? Acho que se

tivéssemos mais contato com estas disciplinas, hoje provavelmente não iríamos desprezar a política, e nem tão pouco a imprensa ia desmoralizar a política como faz hoje. Bem, a imprensa poderia agir da mesma forma, mas talvez poucas pessoas batessem palmas para ela.

Temos de ter cuidado com os ataques que fazemos à política, pois os fatos mostram que em nenhum momento da história, em nenhum lugar do mundo, a negação da política tenha trazido algo melhor do que a política. O que aparece sempre quando se nega a política é um grupo praticando, de alguma maneira, uma forma de ditadura. O Brasil de hoje, maio de 2016, dá mais uma vez razão a este argumento.

Somos (ou éramos, mas prefiro o somos) uma democracia jovem com muitos ajustes a serem feitos, e assim que a normalidade democrática voltar espero que possamos avançar nesta direção. O Brasil de hoje enfrenta uma grande dificuldade para estabelecer um laço social entre todos os membros da sociedade, pelo menos um laço social forte a ponto de permitir o exercício da democracia. Infelizmente hoje existe uma divisão na sociedade brasileira que parece irremediável, e isso é muito ruim, pois se nós só nos reunirmos com quem é parecido conosco, não desenvolveremos as potencialidades da democracia, do convívio e do aprendizado com quem é diferente de nós – e o laço social ficará pobre. Como acho que já ficou.

Para estimar a política, é importante a ação ser eficaz: o indivíduo precisa sentir que sua iniciativa tem um retorno, produz algum resultado, por isso entendo o posicionamento de grande parte do movimento negro que estava no encontro (e também fora dele).

A agenda do movimento negro foi deixada de lado por décadas, sempre aparecendo (quando aparecia) de forma muito tímida no programa de alguns partidos, de direita ou de esquerda. Mas nas últimas décadas algumas conquistas apareceram: tivemos a Lei Caó; o Estatuto da Igualdade Racial; a Lei 10.639/03; a Lei 12.711/12; a Lei 12.990/14, entre outras. Suficiente? Longe disso, muito longe, mas são avanços. Eles devem ser creditados à luta

extraordinária dos movimentos negros que estão na estrada há muito tempo. Contudo, temos de somar a esta luta histórica políticas públicas de algum governo, seja ele federal, estadual ou municipal. Porque sem um governo que fosse (minimamente) sensível a estas questões, talvez nem estas pequenas vitórias fossem possíveis. Esse é o caminho: pressão do movimento social para termos avanços, senão for assim, não vai! Se existem problemas no nosso sistema político partidário, temos de tentar aperfeiçoá-lo e não abandoná-lo de vez.

Para exemplificar o que falo sobre a luta dos movimentos sociais e seus resultados práticos, podemos pegar o atual governo interino no Brasil. A luta das mulheres brasileiras; dos movimentos negros; dos movimentos de jovens; do movimento estudantil; do movimento lgbtt e de tantos outros é fantástica e cresce a cada dia que passa, mostrando um vigor impressionante. Contudo, nem isso foi capaz de fazer com que esses movimentos tivessem um (ou uma) representante sequer no alto escalão do governo interino. Nenhuma pessoa representando um destes movimentos, nenhuma! Então, ter um governo aberto ao diálogo faz toda a diferença, mesmo quando os movimentos estão organizados e fortes. O movimento tem que ser feito por dentro e por fora da arena política.

Finalizo dizendo que nas reuniões dos Fóruns de Ações Afirmativas também ouvi críticas quanto ao envolvimento da juventude negra na luta pela igualdade racial, e um certo "desrespeito" com as gerações que fizeram dessa causa sua vida. Quanto à alienação da juventude negra, o EECUN mostrou que não são todos os jovens que deram as costas à luta, e mostrou também que eles e elas não esqueceram as lideranças negras (políticas e religiosas) que os precederam. Pelo contrário, ali, muitas vezes, foram reverenciadas lideranças negras que durante suas vidas lutaram pela população negra: nomes como Zumbi, Lélia Gonzales, Dandara e Abdias Nascimento foram gritados e cantados diversas vezes. Acho que as lideranças do presente (e do passado) guiarão as juventudes negras num amplo projeto nacional de construção de uma universidade mais democrática e um Brasil mais digno para toda população, sejam eles negros, indígenas, amarelos, quilombolas ou brancos.